



Da SAI - uma “obra em saída” - para a Família Salvatoriana hoje em uma “Igreja em saída”. A atualidade do carisma de Jordan

Começo contando uma fábula.... cujo título é *O dom da história*¹

*Um sábio judeu, Bal Shem Tov², estava para morrer e mandou chamar seus discípulos. Disse:
- Sempre fui o intermediário de vocês e agora, quando eu me for, vocês terão de fazer isso sozinhos. Vocês conhecem o lugar na floresta onde eu invoco a Deus? Fiquem parados naquele lugar e ajam do mesmo modo. Vocês sabem acender a fogueira e sabem dizer a oração. Façam tudo isso e Deus virá.*

Depois que Bal Shem Tov morreu, a primeira geração obedeceu exatamente às suas instruções, e Deus sempre veio. Na segunda geração, porém, as pessoas já se haviam esquecido de como se acendia a fogueira do jeito que o Bal Shem Tov lhes ensinara. Mesmo assim, elas ficavam paradas no local especial na floresta, diziam a oração, e Deus vinha.

Na terceira geração, as pessoas já não se lembravam de como acender a fogueira, nem do local na floresta. Mas diziam a oração assim mesmo, e Deus ainda vinha.

Na quarta geração, ninguém se lembrava de como se acendia a fogueira, ninguém sabia mais que local exatamente da floresta deveriam ficar e, finalmente, não conseguiam se recordar nem da própria oração. Mas uma pessoa ainda se lembrava da história sobre tudo aquilo e relatou com voz alta. E Deus ainda veio.

Não basta recontar a história. É preciso refletir sobre ela, a fim de compreender de onde viemos, por que viemos e discernir para onde queremos ir.

Este Congresso tem um objetivo celebrativo: o Centenário da morte de nosso Fundador, Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan. Somos a geração do centenário, que aqui veio para recontar a história e o dom originário do Carisma e buscar nele a inspiração para seguir adiante, reassumindo nossa missão de modo colaborativo e revitalizado³. Pois ainda que caminemos distraídos, Deus nunca esquece os descendentes. Ele ainda vem. Para nos chamar e enviar de novo!

Minha conferência não vai abordar a espiritualidade e nem a missão salvatoriana. Também não vou recontar fatos da história, pois ela é longa demais e suponho cada um/uma aqui sabe sobre ela. Quero sim apresentar uma reflexão sobre nossa história salvatoriana e os seus significados aqui no Brasil, a fim de discernir nela os sinais de Deus que continua nos falando.

O que há em comum entre a história de Jordan, a nossa história e a história que queremos construir rumo ao futuro? São realidades, contextos e tempos diferentes! O que poderá uni-los? Eu me coloquei esta questão por muito tempo e cheguei à conclusão que eu necessitava de um termo, através do qual, estes contextos e momentos pudessem dialogar. O termo que encontrei foi “**saída**”. Palavra provocadora e difícil, que está dando o que falar e o que transformar. O Papa Francisco trata desse conceito

¹ ESTÉS, C.P. O dom da história. Uma fábula sobre o que é suficiente. Trad. W. Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

² Baal Shem Tov, que significa Mestre do Divino Nome, foi um sábio judeu conhecido pelo nome de Rabi Israel ben Eliezer ou Baal Shem Tov (1698-1760). Possivelmente nasceu na Ucrânia, é considerado o fundador do hassidismo, movimento místico baseado na Cabala, uma das linhas espirituais do judaísmo.

³ Conforme descrito na Declaração da Família Salvatoriana, CIS 49, 2008.

no Cap. I da sua Encíclica Apostólica: “*A Alegria do Evangelho*”, nos números de 20-24. Ela brota, por sua vez, do Doc. de Aparecida que recupera o espírito do Concílio Vaticano II, de Medellín e Puebla para os novos tempos da Igreja de nosso Continente. O Papa definiu o significado de “*sair*” do seguinte modo: “*é o caminho da misericórdia que vai do coração às mãos*”. E acrescentou: “*Façam este caminho!*”⁴. Então, seguindo o caminho das “*saídas*” que foram se realizando em nossa história salvatoriana eu percebi que é verdade o que diz o Papa: o caminho da “*saída*” é o de uma transformação interior que frutifica em atitudes de misericórdia. Logo, é um caminho apostólico – o do Apóstolo/a, que é chamado/a e enviado/a por Jesus para anunciar a Boa Notícia!

A palavra “*saída*” é, então, a que vai costurar tudo e nos indicar um rumo, um caminho de volta àquilo de mais originário que herdamos: o mandato do Salvador a Pe. Francisco Jordan e a todos nós: “*conhecer e dar a conhecer Jesus Salvador, a partir do modelo dos apóstolos*”. Por isso, minha conferência é uma reflexão sobre a história salvatoriana a partir de três tipos de “*saídas*”:

- 1) A **primeira saída** é a dos começos de nossa história feita por Pe. Jordan;
- 2) A **segunda saída** é a de nossa história de Família Salvatoriana no Brasil depois do Concílio Vaticano II, Medellín e Puebla;
- 3) A **terceira saída** é a dos desafios para continuidade de nossa história.

Por isso, espero que o conceito de “*saída*” nos ajude a compreender o que significa para nós salvatorianos e salvatorianas hoje, a transformação apostólico-missionária de nossa vida, ação e presença numa “*Igreja em saída*” e numa era de crises globais.

I Parte: Jordan e a “saída” original dos começos

Francisco Jordan deu respostas ao seu tempo e também ao futuro. Por elas podemos deduzir que ele conheceu muito bem a sua realidade e compreendeu um chamado radical, contundente e transcendente. Ele viveu uma passagem, entre os dois séculos: XIX e XX, quando a modernidade provocava uma revolução na cultura, no comportamento ético-moral das pessoas, na vivência da fé e, enfim, em todas as dimensões da vida. Ele viu a deterioração de um sistema de vida, baseado num modelo ainda agrícola que agora sucumbia com o surgimento das cidades e da cultura urbana; das ciências naturais e tecnológicas que mudavam as relações do trabalho, produção e consumo; da democracia; da expansão econômica; de um novo modelo político dos Estados; do empoderamento e legitimação da sociedade civil e secular; da secularização das instituições; da crítica filosófica radical à cultura e também à religião; do aparecimento do ateísmo, etc. Frente a essas transformações imensa, ele se deu conta do despreparo religioso, moral, cultural e da consciência crítica, seja do povo em geral como da Igreja. Esta, por sua vez, ameaçada de ser reduzida pelo nacionalismo.

1.1. Traços de “saídas” que perpassam nossa história

Essa consciência histórica de Jordan não caiu do céu e nem foi inata. Ele a conquistou a duras penas enquanto viajava pela Europa a trabalho nos anos de sua

⁴ FRANCISCO, Papa. Audiência de 10/08/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CgsBJbiIpOI>. Acesso em: 15 fev. 2018.

juventude, durante seu tempo de estudos em preparação ao sacerdócio e também interagindo com grupos e movimentos com os quais partilhou suas preocupações. As respostas de Jordan não foram dadas por impulso, mas emergiram de um profundo discernimento, reflexão, debate e confronto com muitas pessoas. Outros contemporâneos de Jordan também tiveram grandes intuições nesta época e deram suas respostas⁵, pois não era possível assistir passivamente à evolução dos fatos.

Para além do significado teológico e espiritual do Carisma o qual não vou abordar por não ser meu campo de reflexão, quero destacar o que considero em Jordan um traço que denota a sua consciência histórica e que nos ensinam muito a respeito de como revitalizar o Carisma Salvatoriano. Esses traços transcenderam os tempos e condicionamentos históricos e, a meu ver, se constituem como que uma “convicção salvatoriana”. Penso que por isso eles possam continuar a nos inspirar de um modo ressignificado hoje. São eles: 1) a necessidade de *instruir* o povo; 2) o papel do *laicato*; 3) a *universalidade* de ações apostólicas, métodos e espaços frente ao perigo do nacionalismo e para ser coerente com o mandato evangélico. O núcleo identitário do Carisma é uma experiência existencial e de fé de um conhecimento muito específico: “*o conhecimento de Deus e de Jesus Cristo por Ele enviado*”. Para viver isso, é preciso foco, mas também liberdade. Isso constitui a “*saída*” de Jordan e nela transparece a consciência de uma fé histórica que o moveu, sustentou e chegou até nós.

1) a necessidade de instruir o povo: Se o despreparo das pessoas frente às mudanças modernas era assim tão grande no contexto do Séc. XIX e riscava a perda da fé e de valores humanos e cristãos, então a proposta de Jordan foi a *instrução*, que hoje chamaríamos *formação integral ou holística*. Tudo começou de forma simples: o povo em geral receberia conteúdos através de revistas, livros, folhetos, etc. para aprofundar as verdades teológicas e praticar a fé e os valores religiosos em seu local de trabalho, comunidade, vila, onde estivesse. Outros que quisessem se dedicariam em tempo integral a produzir tais conteúdos formativos.

2) a valorização do papel do laicato: Se a revolução cultural moderna apontava para o protagonismo dos leigos em todas as esferas, a qual fugia aos domínios do clero e da Igreja pelos processos de secularização, então a intuição de Jordan foi a de investir na formação do *laicato* e agregar à sua potencialidade de liderança e protagonismo, a *espiritualidade do discipulado*. Por isso, não eram somente sacerdotes que poderiam oferecer seu tempo integral ao projeto da Sociedade Apostólica Instrutiva – SAI, mas também acadêmicos, homens e mulheres pensadores, formadores de opinião como os editores, jornalistas, escritores, etc.

3) A universalidade de ações apostólicas, métodos e espaços: Se o conteúdo era um só para todos – “*o conhecimento de Deus e de Jesus Cristo por Ele enviado*” –, a começar por cada um, então as ações somente poderiam partir dessa liberdade e autonomia que só o “*conhecimento do Deus verdadeiro*” poderia dar à vocação pessoal que se deixasse transformar em sua interioridade e, assim, influenciar, em todos os

⁵ Nesse período histórico inúmeras congregações religiosas nasceram na Europa, dedicadas ao ensino e às missões *Ad Gentes*. Influenciadas pelos processos de secularização e a perda de espaço pelo protestantismo, essas congregações sustentadas pela Igreja buscavam resgatar uma hegemonia católica em países colonizados pela Europa e Grã-Bretanha.

campos da esfera pública e na Igreja, pela palavra e testemunho, uma fé madura e capaz de transformar a realidade.

Podemos dizer que essas propostas de “saídas” se configuram também numa “**entrada**” na interioridade do problema e desde lá, preparam uma “**saída**” que é, em si mesma, a experiência da salvação de Deus dirigida a todos os humanos e à inteira criação. A comunicação dessa experiência respeita as culturas, seus símbolos, sua linguagem e sua expressão. Ela é inserida nas realidades diversas⁶. Por isso, universal.

Em suma, frente à ignorância e o despreparo generalizado frente aos tempos modernos, a instrução, a aposta no laicato e a universalidade das ações traduzem uma “saída” que acompanha a abrangência da modernidade. Esses traços do projeto inicial de Jordan atravessam os tempos e chegam até nós. Herdamos este ensinamento de que *o que fazemos, onde fazemos e como fazemos*, deve ser ao “modo dos Apóstolos” – pois, eles são os que primeiro “saem”. São o exemplo primário, as testemunhas-missionárias do Ressuscitado! Assim vemos que Jordan acolheu a “nova era” de forma inteligente, generativa, transformativa. Com esses três traços ele potencializou uma nova concepção de Igreja que só aparecerá com o Concílio Vaticano II, quando este declara que ela é comunidade de batizados, assembleia profética, sacerdotal e regia. Isto é, uma Igreja fundada num único gênero – a dos batizados – que conforma a comunidade ministerial⁷. Neste sentido, Francisco Jordan intuiu, para além das possibilidades de seu tempo, o valor e a necessidade dos ministérios. O seu projeto incluía os pobres, as crianças, a juventude, as famílias, os letrados, os cientistas, as pessoas simples, os sacerdotes, as mulheres, os formadores da opinião pública, etc. Ele tentou reunir esta diversidade de pessoas em diferentes graus de participação, o que, infelizmente, não se concretizou porque os tempos da Igreja estavam muito aquém com relação aos sonhos de Jordan. Então, ele teve de se “ajustar” à Igreja para garantir um mínimo de fidelidade à intuição inicial. Portanto, de um projeto de ampla participação, ele adaptou o núcleo carismático e transcendente em duas congregações religiosas a *Sociedade* e a *Congregação* (1ª e 2ª Ordens) e reduziu a participação do laicato a uma *Pia União de Colaboradores* para adultos que não podiam ser religiosos, e a uma *Associação de Anjos* para crianças. Infelizmente esses movimentos laicais também desapareceram com a I Guerra Mundial.

1.2 As “saídas” e suas condições de possibilidade

A história salvatoriana é história de fidelidade ao Carisma e também de desvios. Poderíamos hoje distinguir o que foi fidelidade e o que foi desvio e por quê? Isso exigiria uma grande pesquisa, o que muitas vezes é incômodo e preferimos ir seguindo a tradição. Porém, o Espírito Santo se encarrega de nos dar empurrões para nos desacomodar. Por isso, quero focalizar agora a história das nossas “saídas” para continuar sendo fiéis ao núcleo transcendente do Carisma. Do contexto de Jordan vamos dar um salto para o nosso contexto de Brasil.

⁶ CIP 5, 40, Regras de 1886.

⁷ BRIGHENTI, A. Do binômio clero-leigos a comunidade-ministérios (Em que o Vaticano II mudou a Igreja 2). Disponível em: <http://amerindiaenlared.org/contenido/12055/do-binomio-cleroleigos-comunidadeministerios-em-que-o-vaticano-ii-mudou-a-igreja-2/>. Acesso em: 15 mar. 2018.

Com a chegada dos primeiros missionários/as no Brasil (Sociedade em 1896; da Congregação em 1936) nossa história começa. Sabemos que eles e elas trouxeram uma Vida Religiosa apostólica, mas fundada num modelo monástico e disciplinar pré-Conciliar. Dizia-se ironicamente entre os salvatorianos que a vida era tão disciplinar que se podia adormecer em Roma na Casa-Mãe e amanhecer em qualquer outra comunidade sem se dar conta de que se havia mudado de casa, tão semelhante era o ritmo. A disciplina na VR não diferenciava uma Congregação da outra, a não ser pelo hábito. Rezava-se do mesmo jeito e vivia-se em comunidade do mesmo modo. Apostolicamente, a maioria fazia as mesmas coisas. Aqui nesse país tropical esse modelo se implantou sem grandes problemas, pois bastava seguir a disciplina canônica e atuar conforme um modelo de Igreja ainda marcado pela cristandade europeia e tudo prosperaria. Logo, os apostolados iniciados aqui foram os mesmos tradicionais da Europa: os missionários/as assumiram Paróquias, fundaram escolas para o ensino formal, hospitais, creches, orfanatos, asilos, assistência social caritativa, etc. O conceito de missão era o da “expansão da fé católica e de sua doutrina”. A catequese doutrinal e uma espiritualidade devocional não tomavam em consideração as diferentes sensibilidades culturais e tanto menos a religiosidade local. O cristianismo trazido pelos missionários/as era universalizado a partir da cultura europeia – basta pensar nos modelos de liturgias que ainda são plenos de símbolos europeus e conforme as estações do Polo Norte. Nosso Natal de 40°C de calor tem flocos de algodão na árvore para simular a neve do inverno europeu nessa época! Ainda hoje pouco se explorou da potencialidade simbólica de nosso contexto brasileiro e sul americano, essencialmente afro-indígena. Somente a partir de Puebla a Igreja vai reconhecer, ao menos teoricamente, que “a sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital, que engloba o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fê e pátria, inteligência e afeto”⁸. No entanto, Jordan acreditou na força de uma resposta histórica, desde “dentro” e a partir da abertura universal. Por isso hoje precisamos reconsiderar e discernir o que foi possível desenvolver desse seu projeto em nossa história e o que ficou perdido nos condicionamentos históricos.

1.3 A grande “saída” possibilitada pelos Concílio Vaticano II

O Concílio é um grande divisor de águas em nossa história salvatoriana. Para toda a Igreja ele significou uma “saída” inusitada para acolher a Modernidade Ocidental e para nós, o retorno ao sonho original de Jordan. Refletindo sobre isso, em outubro de 2017, eu solicitei às lideranças da *Comissão Inter Salvatoriana - CIS*, a permissão para realizar uma pesquisa nos arquivos históricos das províncias e da *Associação do Divino Salvador - ADS*. Minha intenção foi a de analisar as decisões apostólicas e as transformações influenciadas pelo Concílio e pelas Conferências Episcopais de Medellín e Puebla em nossa vida salvatoriana, as quais figuram como “saídas” criativas e renovadoras do Carisma. Não poderei expor aqui a riqueza imensa que resultou daqueles dias de intensa leitura de atas e conversas com algumas pessoas. Mas quero falar dos impactos desses eventos eclesiais que marcaram nossa configuração

⁸ Conclusões da Conferência de Puebla. Evangelização e religiosidade popular, 448. São Paulo: Paulinas, 1979.

salvatoriana atual. Visitei estes documentos desde um ponto de vista filosófico, daí que vou falar de *significados*, mais que de dados. Por “significado” eu compreendo aquelas reflexões, discernimentos, decisões, discursos que foram determinando a transformação de um modo de ser *religiosos* em geral para um modo de ser *religiosos com identidade salvatoriana*. Há uma imensa energia nessa história pós-Conciliar registrada em nossos arquivos. Muito mais, porém, encontramos na experiência das pessoas que a viveram e que estão presentes aqui entre nós.

II Parte – Do Concílio Vaticano II a Medellín e Puebla: “saídas” inusitadas

O teólogo V. Codina, SJ nos lembrou recentemente que a grande contribuição do Concílio Vaticano II foi, certamente, “recuperar a dimensão histórica da fé e da Igreja”, ou seja, discernir os sinais dos tempos na Igreja, na teologia e na pastoral⁹. Isto fez com que a Igreja centrasse sua atenção nas problemáticas da modernidade: o mundo desenvolvido, secular e ateu, o qual ela havia mais condenado do que assumido. Mas essa era a modernidade europeia e dos países do Norte. A situação dos pobres do Terceiro Mundo era a face negada daquela modernidade e o Concílio não havia abordado esse problema suficientemente. Durante o Concílio um grupo de teólogos e bispos começaram a conversar sobre isso e quiseram propor uma reflexão sobre uma “Igreja pobre e servidora”. D. Hélder Câmara e mais oito bispos brasileiros estavam entre os que buscaram sensibilizar os padres conciliares para a questão do anúncio do Evangelho aos pobres¹⁰. A tentativa deste grupo fracassou, pois não chegou a influenciar nos documentos conciliares.

Em 1965, no encerramento do Concílio, o Grupo da *Igreja pobre e servidora*, em torno de 46 bispos, celebrou uma Eucaristia na Basílica subterrânea na Catacumba de Santa Domitila, em Roma. Ali assinaram um texto chamado “*Pacto das Catacumbas*”¹¹. Este texto está estruturado em 13 compromissos de conversão a uma Igreja pobre e servidora. Cada um deles está embasado por citações dos Documentos do Concílio, dos Evangelhos e Cartas. Posteriormente, o *Pacto* foi assinado por outros 500 Bispos de todos os Continentes. O “*Pacto das Catacumbas*” influenciou fortemente o Episcopado de nosso Continente. O Documento de Medellín, o qual celebramos 50 anos neste ano, é fruto deste *Pacto de conversão*. Por sua vez, Medellín causou uma profunda transformação na Igreja e em nossas províncias salvatorianas. Se o Concílio foi uma “*saída*” da Igreja para a realidade histórica da Modernidade Europeia, Medellín foi e é uma “*saída*” da Igreja para a realidade histórica da pobreza em suas inúmeras faces e dimensões de nosso Continente, mas para além dele, assola a maioria da humanidade. Dez anos mais tarde, a Conferência de Puebla reafirmará essa convicção e marcará ainda mais a transformação de nossa configuração salvatoriana aqui no Brasil.

⁹ CODINA, V. A vida religiosa na América Latina, 50 anos depois de Medellín. *Convergência*. Brasília, vol. 508, Ano III, p. 45-53, jan.-fev. 2018.

¹⁰ Veja-se: GAUTHIER, P. O Concílio e a Igreja dos pobres. «Consolai meu povo». Petrópolis: Vozes, 1967.

¹¹ Veja-se os seguintes estudos: BEOZZO, J.O. O pacto das catacumbas. Por uma Igreja pobre e servidora. São Paulo: Paulinas, 2015; BINGEMER, M.C. Teologia Latino-Americana. Raízes e ramos. Petrópolis: Vozes, 2017.

2.1 As “saídas” proféticas das províncias salvatorianas brasileiras

Para quem viveu e para quem não sabe, quero recordar que o Concílio suspendeu todas as Constituições que regiam a vida das Congregações e promulgou um documento (*Motu Proprio*) que orientava o processo para reescrever as mesmas. A razão fundamental era a de que a Igreja agora reconhecia os Carismas. Portanto, cada Congregação deveria escrever suas Constituições e Estatutos de acordo à sua missão carismática. As décadas de 70 e 80 foram anos muito duros nos quais se realizou a corrida da “volta às fontes” da história e dos Carismas para *atualizar* a VR. As Constituições da *Sociedade* e da *Congregação* elaboradas por Pe. Francisco Jordan em 1883 levaram três décadas para serem ajustadas e finalmente aprovadas. Agora, o processo de *atualização* levaria quase duas décadas para serem elaboradas, experimentadas e aprovadas.

As atas narram grandes lutas, porque a diversidade de visões, sensibilidades, e compreensões do que o Concílio propunha eram muitas. Pelo que li e pelos testemunhos que ouvi, posso dizer que, graças à recepção criativa do Concílio em nosso Continente, as províncias das Américas deram uma contribuição decisiva para que as Constituições das duas congregações fossem escritas como um texto de princípios e não um texto de Regras¹². Em nosso meio estão os protagonistas dessa aventura histórica, aos quais poderemos ouvir de viva voz, em especial sobre o que não está escrito nas Atas! Essa geração teve de se apressar em redescobrir o que era o Carisma e reinterpretar os nossos começos. Nessa pressa, as pesquisas nem sempre conseguiam ser elaboradas conjuntamente e a consequência disso foi que hoje temos diversas linhas de interpretação e de explicitação do Carisma. Necessitamos visitar a história desse momento porque ela se constitui numa verdadeira e própria “saída” que nos inspira para o futuro.

Segundo li nas preciosas Atas de nossos arquivos provinciais, a preocupação principal desse momento foi ser fiel aos sinais dos tempos, ao que a Igreja pedia e ao que era a originalidade salvatoriana. Por isso, as três províncias, cada uma a seu modo, se pôs bravamente a caminho de um processo de renovação interna. Esta foi a **primeira “saída”**, ou seja, a de reordenar a vida comunitária, renovar a espiritualidade, entrar num processo sistemático de formação teológica, pastoral e profissional, reestruturar a administração e a liderança das províncias. Fizeram-se assessorar por teólogos, expertos em planejamento, facilitadores sábios que num curto espaço de tempo puseram em marcha esse processo de renovação.

A **segunda e grande “saída”** foi apostólica sob o impacto de Medellín e Puebla e este foi o foco da minha pesquisa. Eu me coloquei a pergunta: Como a nossa presença apostólica se transformou diante dos “novos tempos” da Igreja e da redescoberta do Carisma? Busquei identificar como cada província realizou a sua grande “saída apostólica”, respondendo imediatamente a Medellín e Puebla.

Dado o limite do tempo, vou relatar apenas alguns exemplos que julgo possuírem grande carga de significado inspirador, na história dos três ramos. À medida que relato, aparecerão elementos da situação histórica daquele período. Repito: o que vou

¹² Conforme afirmação do Pe. Luiz Spolti, em 18/11/017; e da Ir. Admir Citó em 13/11/2017, os quais participaram ativamente do processo de renovação.

explicitar não esgota a riqueza do que se viveu. Por isso, deixo um desafio à geração que protagonizou este tempo: escrevam suas experiências vividas, para que as gerações posteriores possam se energizar de vosso testemunho e zelo apostólico.

2.1.1 *Província das Irmãs de S. Paulo:*

Na década de 1960, muitas Irmãs provinham de um contexto urbano de regiões do Estado de São Paulo, no qual a modernização industrial começava a se desenvolver velozmente. Como era normal, as Irmãs se ocupavam de apostolados tradicionais como os já citados. Com o evento de Medellín, o processo de renovação interna que já havia começado com a renovação das Constituições, foi impulsionado pela necessidade de discernir os sinais dos tempos em seu contexto. As Irmãs, assessoradas por pessoas espertas, nada menos que da estatura de D. Luciano Mendes e outros, se conscientizaram da necessidade de responder apostolicamente a muitos clamores ao redor mesmo de suas comunidades, tais como: a imigração interna que ocorria no Brasil neste momento devido à expulsão do campo para as periferias das cidades devido ao avanço das agroindústrias; desempregados e despreparados para o trabalho nas fábricas inflavam as periferias das grandes cidades infladas; o clamor das injustiças sociais e o vazio de evangelização destas áreas era imenso. A grande e corajosa “saída” das Irmãs foi deixar a maior parte dos apostolados tradicionais que, financeiramente eram insustentáveis, para se inserir nos bairros, aonde estavam essas populações pobres, desempregados, operariados e todo o tipo de necessidade existencial, eclesial e social.

Muitas Irmãs trabalhavam como operárias de dia e faziam seus apostolados a noite, nas casas e centros comunitários. Ali se ocuparam de apostolados essencialmente salvatorianos, ou seja, da formação bíblica e teológica do povo, da formação da consciência crítica dos operários, da formação das Comunidades Eclesiais de Base e na organização social e até sindical do povo. Tudo isso sob a ameaça, censuras e a vigilância constante da ditadura militar. Esta inserção radical e profética de nossas Irmãs foi, de certa forma incompreendida, como era incompreendida de modo geral neste momento, a opção dos religiosos pelos pobres, sua mudança de lugar social e de posicionamento eclesial em toda a AL. Eles e elas representavam uma profecia incômoda porque com essa escolha apostólica denunciavam a injustiça e a violência da desigualdade que relegava os pobres a uma situação de vítimas exclusas dentro de um sistema cultural racista e desumano. Essa opção profética colocava o dedo na arrogância de cada ser humano, pois os pobres são um espelho daquilo que no fundo todos somos: pobres e dependentes uns dos outros e da natureza, de forma inerente. Essa profecia tocava no cerne do poder de opressão que muitos humanos inferem arbitrariamente a outros humanos. As comunidades religiosas que responderam radicalmente ao paradigma do “*Pacto da Catacumbas*”, para além de algumas ingenuidades cometidas¹³, apontaram para o horizonte último do significado de nossa consagração: o Modelo Jesus Servo Sofredor que o Pai Ressuscitou.

Hoje podemos dizer que essa “saída profética” da VR – que tinha um rosto majoritariamente feminino –, transformou para sempre a concepção de mulher

¹³ Veja-se: LIBÂNIO, J.B. *As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais. Sua incidência sobre a vida religiosa.* Petrópolis: Vozes, 1980.

consagrada na Igreja, ou seja, rompeu com um modelo monástico das congregações femininas que foram reduzidas dentro dos muros de seus conventos e, ao máximo, podiam exercer uma apostolicidade tradicional, e fez emergir uma VR feminina inserida, que provou ser verdadeiro aquilo que o Concílio afirmava: o lugar da Vida Religiosa Consagrada na Igreja é a profecia.

A inserção das Irmãs salvatorianas nos meios populares, a sua abertura à missão internacional da Congregação, enviando Irmãs à R.D. do Congo na década de 80, e aderindo também a outros projetos missionários intercongregacionais, rendeu uma presença salvatoriana ativa, total e solícita no meio do povo, sobretudo dos mais necessitados. Estando nessas periferias humanas e sociais, experimentando a dureza da vida do povo, as Irmãs puderam não só exercerem um apostolado especificamente salvatoriano que é o da formação, da popularização das verdades teológicas, da cultura bíblica e religiosa, da oportunidade de experiências de fé em um Deus misericordioso, mas puderam também exercer o ministério da consolação, através das visitas às famílias, aos doentes, da escuta e do aconselhamento ao povo em muitos aspectos. Através de sua presença solidária, corpórea, afetiva e efetiva em todos os momentos e situações da vida do povo, as Irmãs nunca mais puderam se separar ou se distanciar deste paradigma da “Igreja pobre e servidora” que levou ao *Pacto das Catacumbas*.

Um outro impacto no modo de ser salvatorianas religiosas e apostólicas foi a decisão das Irmãs de viverem uma apostolicidade de “peregrinas”. Liberadas das pesadas obras apostólicas tradicionais, com facilidade as Irmãs podiam se inserir em situações muito necessitadas, seja eclesial como socialmente, e ali preparar lideranças. Quando estas começavam a assumir suas responsabilidades nas comunidades cristãs, sem muita dificuldade elas partiam para outros espaços. Essa leveza de discípulas peregrinas está hoje em linha com a herança salvatoriana mais importante deixada por Pe. Francisco Jordan: a pobreza e a simplicidade!

É deste período também que encontramos em alguns relatos, seja nos arquivos como em literaturas desta época, um histórico de incompreensões e críticas da própria Igreja, na pessoa de padres e bispos, que se situavam num modelo patriarcal e pré-moderno de concepção das religiosas, ao qual elas se posicionaram firmemente. Isso foi e ainda é, frequentemente, taxado de feminismo, quando na verdade as Irmãs viveram simplesmente a sua profecia.

Toda essa experiência, juntamente com uma formação sólida teológica à qual as Irmãs se impuseram, frequentando universidades, cursos sistemáticos que eram oferecidos em muitos centros de formação, foi um aprendizado que se estendeu, decisivamente, ao todo da Congregação que vivia a nova redação das Constituições¹⁴. Seria interessante buscar identificar os traços desta experiência eclesial Latino Americana nos textos de nossas Constituições.

A “saída” profética das Irmãs da Província de S. Paulo como resposta aos apelos da realidade e da Igreja após Medellín e Puebla é algo que deve nos orgulhar na história da encarnação do Concílio em nossa Congregação. Aliás, é um modelo, um paradigma que exprime a fidelidade ao Carisma e aos sinais dos tempos ainda não explorado, mas

¹⁴ Entrevista à Ir. Admir Citó, em 13/11/2017.

que não deveríamos perder de vista. É a energia da história, que só se reacende se alguém contar, ou seja, se for reinterpretada e ressignificada com novo olhar.

2.1.2 *Província das Irmãs de Santa Catarina*

As atas relatam que, para realizar as grandes mudanças impelidas pelo Concílio, as Irmãs foram em busca da opinião do povo: que tipo de Irmãs elas deviam ser? O que as Irmãs deveriam fazer para corresponder ao que a Igreja e os novos tempos estavam propondo? A resposta foi que as Irmãs deveriam transmitir “o sentido de Deus”, deveriam “se formar para isso, e deveriam viver próximas do povo, solidárias com os que sofriam”. Por isso, tudo o que se apresentava como obstáculo deveria ser removido: os “vestidos medievais”, ou seja, o hábito religioso, pois era preciso repensar a sua figura; o tempo deveria ser reorganizado para ser dedicado ao povo mais do que às coisas internas; era preciso reorganizar a vida no interior das comunidades; e transformar os apostolados.

A província era numerosa e também numerosas eram as obras apostólicas tradicionais: escolas, hospitais, instituições de assistência social, etc. A primeira “saída” foi a de “pastoralizar” as obras tradicionais, concomitantemente com a profissionalização e formação das Irmãs para nelas atuarem. Assessoradas por expertos, as Irmãs realizaram um processo participativo de renovação e planejamento, fundado no método Ver-Julgar-Agir. Foram em busca de formação em todos os sentidos. Houve um período em que a província se tornou uma universidade em si¹⁵ – todas as irmãs estudavam a noite e trabalhavam de dia. Foi um tempo duro em vista de se prepararem para a missão. Mas, pior que isso, era viver num estado de ameaças da ditadura militar. As Irmãs não tinham liberdade de ensinar certas disciplinas nas escolas, pois tinham de seguir o currículo dos ditadores, eram vigiadas e podiam ser delatadas. Nesse período, muitas foram as censuras e a Igreja como um todo não tinha a liberdade de proclamar abertamente a verdade Evangélica, mas o fazia clandestinamente sem desanimar, como os cristãos das catacumbas.

Quando os militares deixaram o governo, o grito sufocado na garganta de todos se soltou. Quando o processo democrático foi se intensificando, as Irmãs não deixaram os apostolados tradicionais nas obras, mas eles não foram mais os mesmos, pois a palavra de ordem era “assumir a profecia em todos os apostolados”¹⁶. Se antes a educação era educação geral, cujos currículos e manuais eram dados e vigiados pela ditadura militar, agora a educação se tornaria mais específica, ou seja, “Educação Libertadora” e com a marca salvatoriana. Aos poucos, os métodos e as didáticas foram se transformando pela encarnação do Carisma e pelo sentido de eclesialidade com o qual foi sendo assumido. Era a Teologia da Libertação em sua plena elaboração a dar as cartas para todas as ações apostólicas. As obras deixaram de ser ilhas e foram aos poucos se inserindo no contexto eclesial, tornando-se em alguns casos, centros de formação, conscientização e evangelização para as Igrejas locais.

Além disso, havia um grande número de Irmãs jovens e era preciso buscar diferentes tipos de apostolados remunerados, pois nós mulheres religiosas vivemos de nossos

¹⁵ Entrevista à Ir. Verônica Cendron, em 20/12/2017.

¹⁶ Entrevista à Ir. Ema Melânia Zago, em 19/02/2018.

próprios salários. Assim, um considerado número de Irmãs se engajou em instituições governamentais através de concursos públicos para serviços na educação e saúde. Hospitais e escolas públicas eram lugares privilegiados de evangelização, testemunho de humanização, pois ali se podia marcar uma presença solidária aos mais pobres e desprotegidos.

Nesse mesmo período, a Província SC aderiu ao Projeto Igrejas-Irmãs, criado em 1972 pela CNBB e enviou as primeiras Irmãs ao sertão baiano em 1975. Este projeto pôs em prática a solidariedade assumida no “*Pacto das Catacumbas*”, confirmado em Medellín e Puebla. O seu objetivo era o de partilhar a fé, os dons pessoais, as experiências pastorais e recursos financeiros como gestos de caridade cristã para com as Igrejas necessitadas. O projeto preparava e enviava Irmãs, Padres e Leigos em comunidades intercongregacionais e intervocacionais a esses locais marginais, sustentando-as financeira e espiritualmente. Esta solidariedade entre Igrejas locais funcionou também a nível internacional, com as dioceses-irmãs do Continente Africano, sobretudo os de língua portuguesa.

Nos anos 80 o Projeto Igrejas-Irmãs do Regional Sul 4 da CNBB (SC) solicitou que a província assumisse algumas zonas de missão no sertão baiano. Assim, província abriu 3 comunidades na diocese de Barra e 2 comunidades na Diocese de Rui Barbosa. Eram zonas muito pobres e isoladas, onde a evangelização era ainda a de “desobriga”. As Irmãs assumiram a evangelização como um todo e com a especificidade salvatoriana serviu a Igreja através da formação de lideranças cristãs, do desenvolvimento de projetos sociais e de renda familiar e comunitária; da organização das comunidades eclesiais de base, da formação da consciência crítica e política do povo, apoiando todo o seu protagonismo. Havia muita opressão à causa do coronelismo e de latifundiários violentos. As Irmãs tiveram que se confrontar profeticamente com coronéis e políticos corruptos, permanecendo fieis ao Evangelho e do lado dos empobrecidos.

No início dos anos 90 a província aderiu ao Projeto Igrejas-Irmãs do Regional Sul 3 da CNBB (RS), que preparou um grupo de missionários para ser enviado à Moçambique. Em 1992, a guerra civil naquele país ainda não havia terminado, pois o Tratado de Paz só foi assinado em outubro daquele ano. Por essa causa, o Regional preferiu suspender o envio. Mas as Irmãs estavam preparadas e a província havia recebido o pedido do Bispo de Manica, região central de Moçambique para assumir ali uma missão. O discernimento não foi difícil. Nossas Irmãs chegaram em Moçambique na Páscoa de 1992, e nessa condição de guerra buscaram evangelizar e cuidar da vida que ainda restava.

Para as Irmãs das duas províncias, essas “*saídas*” resultaram numa nova aprendizagem espiritual. Viver no meio do povo, em lugares desertos e distantes de recursos, estradas, transportes, facilidades, comunicações, etc., e, sobretudo, distantes da possibilidade de centros de formação espiritual e até mesmo da liturgia Eucarística..., toda essa privação vivida em solidariedade com o povo as levou a descobrirem o sentido de alimentar uma mística profunda, bebendo nas fontes salvatorianas, na Palavra de Deus e na própria religiosidade popular que testemunhava a firmeza e a tenacidade da fé. Mesmo provado no sofrimento, na solidão e no

abandono o povo não abre mão da fé! Aprenderam a valorizar os seus símbolos culturais e religiosos que o mantém lutando pela vida sem se cansar.

Esta experiência nova de VR apostólica recebeu um profundo influxo da experiência eclesial e teológica que se vivia nas Américas e isso influenciou profundamente a elaboração de nossas Constituições, sobretudo os Capítulos da Vida de Pobreza e da Vida Apostólica¹⁷. Tudo isso significou para as Irmãs salvatorianas brasileiras, a “saída” de uma espiritualidade de formas e recitações que vigorava por séculos nas comunidades religiosas femininas, e a entrada numa espiritualidade profunda, interior e em peregrinação. Exigiu das religiosas grande maturidade humana, mas sobretudo, uma atitude de discernimento e coragem profética.

2.1.3 Província Brasileira da Sociedade dos Divino Salvador:

Os padres e irmãos salvatorianos foram igualmente tenazes no processo de renovação. Primeiramente, o pós-Concílio exigiu um esforço imenso de renovação do paradigma teológico, pois a maioria dos membros da província havia sido formado no pré-Concílio. Os salvatorianos se puseram muitas perguntas diante das exigências de renovar-se interiormente e pastoralmente. Mesmo diante de uma variedade de respostas que expressavam as diferenças entre eles, conseguiram realizar um incrível processo de avaliação de sua vida interna e apostólica e replanejar, no arco de alguns anos, toda a província e sua presença pastoral em resposta ao que apelava o Papa João XXIII um mês antes do Concílio: “*Tornar viva a verdadeira imagem da Igreja por meio da reforma interna e assim fazê-la compreensível ao mundo moderno*”¹⁸.

Nesse período os religiosos salvatorianos eram dois grupos: um no Sul e outro no Nordeste que se fundiram na Província Brasileira atual em 1974¹⁹. Muitos padres estavam engajados em movimentos que nasceram durante e logo depois do Concílio e que visavam a pastoral matrimonial e familiar, tais como: Cursilho, Encontro de Casais com Cristo e outros. A renovação foi acontecendo também com a participação dos membros nos eventos eclesiais em várias esferas: CNBB, CRB, cursos de renovação, etc. Eles também contaram com a ajuda de pessoas expertas que os conduziram sabiamente neste processo, conseguindo a adesão de todos os membros. Isso também testemunha uma profecia: a de “sair” de uma posição de pastorais individuais, de paróquias personalizadas e do conforto institucional para a novidade da renovação da Igreja Povo de Deus, ou seja, comunidade de ministérios, o que incluía colaboradores de outras vocações, sobretudo leigas. Era a “saída” como corpo apostólico para renovar apostolados tradicionais através da formação do laicato e a animação de ações de conjunto.

¹⁷ Entrevista à Ir. Admir Citó, SDS, em 13/11/2017 e à Ir. Izabel Tooda, em 19/11/2018 em S. Mateus-SP, as quais participaram da elaboração do texto nos Capítulos Gerais de renovação das Constituições em Roma.

¹⁸ Discurso do Santo Padre João XXIII um mês antes da abertura do Concílio. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.html. Acesso em 12 fev. 2018. Trad. livre; Esta frase foi também citada pelo Pe. Boaventura Schweizer, Superior Geral dos Salvatorianos na Carta de Convocação ao X Capítulo Geral, escrita na Páscoa de 1964. O X CG para renovação das Constituições foi realizado em Roma em maio de 1965.

¹⁹ Ata do IX Capítulo Provincial de 21-26 out. 1974, Jundiá-SP. Fonte: arquivo histórico da Província Brasileira da SDS. S. Paulo/SP.

Através do método Ver-Julgar-Agir iniciou-se o processo que se chamou *PRP – Processo de Renovação Planejada*. Inicia, então, uma inserção mais ativa e dinâmica como resposta objetiva aos apelos de Medellín e Puebla através da “Pastoralização das Obras” e a partir dos princípios da Igreja renovada e da Pastoral de Conjunto da Igreja do Brasil.

As “saídas” significativas começam em duas direções: uma que evangeliza e reorganiza de um modo novo as obras apostólicas tradicionais e outra que se aventura em novas experiências de inserção no meio dos pobres e jovens. Destaco as seguintes: 1) O *Projeto Jordan*, cujo objetivo era a “inserção na vida e missão da Igreja, a solidariedade com os pobres; viver novas experiências pastorais e com a parceria dos leigos” e envolvia os formandos. Todos sabemos que este projeto foi levado a cabo ao longo de muitos anos, em muitas comunidades cristãs em regiões distantes e abandonadas no norte e nordeste durante os períodos de férias escolares. Ele se tornou um projeto comum da Família Salvatoriana no qual todos os ramos participavam. Disso resultou a ajuda à Diocese de Brejo/MA, na qual a presença salvatoriana é hoje assumida também como Família Salvatoriana.

2) A *inserção nas periferias da grande S. Paulo* se multiplicaram, ocupando intensivamente os finais de semana dos membros em formação (estudantes de filosofia e teologia), na organização de comunidades eclesiais de base e na formação de suas respectivas lideranças.

3) A *composição de uma Equipe Volante* que passou a responder uma demanda especificamente salvatoriana na província como a assessoria e apoio às comunidades cristãs, com cursos de formação para catequistas, pesquisas sobre o perfil dos líderes de comunidades da periferia, cursos bíblicos, formação humana e espiritual para adultos, elaboração de boletins, etc., veiculando notícias e reflexões das comunidades.

4) A *opção clara, sistemática e permanente pelos jovens*, respondendo ao apelo de Medellín e Puebla. Esta foi e tem sido uma das decisões mais marcantes da Província Brasileira ao interpretar este apelo como um elemento tipicamente salvatoriano. A respeito dos jovens, Medellín reconhece que este é o grupo mais numeroso da sociedade LA e se constitui num novo corpo social²⁰. Puebla foi mais decisiva sobre a necessidade da evangelização da juventude. Na quarta parte, o documento reassume a opção preferencial pelos pobres e a opção por “*apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação*”²¹. Este mandato de Puebla não coincide em tudo com o nosso Carisma? Não era uma grande preocupação de Francisco Jordan a de instruir os jovens na fé católica e nos valores cristãos? Os Salvatorianos tiveram o cuidado de investir zelosamente na formação dos jovens em suas pastorais, de modo que hoje a “Juventude Salvatoriana” torna-se uma referência em muitas dioceses onde estamos presentes. Além disso, a Juventude Salvatoriana tem se articulado internacionalmente, engajando-se ativamente nas *Jornadas Mundiais da Juventude* com a qualidade da experiência apostólica e espiritual salvatoriana.

²⁰ Conclusões de Medellín. Situação da Juventude, cap. 5. São Paulo: Paulinas, 1979.

²¹ Conclusões da Conferência de Puebla. Opção preferencial pelos jovens, 1166-1205. São Paulo: Paulinas, 1979.

5) O VI Sínodo da Província ocorrido em 1984 elencou uma lista de *obras de fronteira* a ser considerada. Dentre elas figurava o desejo de assumir uma missão num país africano de língua portuguesa, o que depois se concretizou na fundação da comunidade em Moçambique²².

2.2 A Comissão Inter Provincial (CIP): uma “saída” fecunda

O primeiro e fundamental evento que levou ao que somos hoje como Família Salvatoriana aqui no Brasil foi a fundação da CIP que começou oficialmente no dia 01 de abril de 1977, em Campo Alegre-SC, numa reunião em que estiveram presentes provinciais e mais um membro do Conselho: Pe. Arno Boesing e Pe. Luiz Spolti, Irmãs Alzira Poli (*in Memoria*) e Ir. Maris Bolzan, Ir. Celeste Gaion e Ir. Isabel Tooda.

Em meados de 1970 os capítulos provinciais começaram a convidar os líderes das outras duas províncias para participarem dos mesmos. Assim, no XI Capítulo (27-31.12.1976) Provincial das Irmãs de S. Paulo estiveram presentes o Pe. Arno Boesing e a Ir. Alzira Polli. Houve nesta ocasião um debate sobre a colaboração entre as unidades para “abrir linhas comuns em termos de salvatorianidade” entre as três províncias para “promover um maior intercâmbio de valores salvatorianos a curto, médio e longo prazos”²³. Na reunião inaugural em Campo Alegre²⁴ foi estabelecido o objetivo da CIP: *Maior integração e comunhão em torno da missão comum salvatoriana*, seguidos de alguns objetivos específicos que serviam também de princípios da colaboração. Foi ainda feito um elenco de ações que seriam planejadas e implementadas: Promoção Vocacional; Tradução e estudo de documentos históricos; Estudo e revisão das Constituições; Projeto Jordan; Trocas de experiências; Incremento e incentivo do conhecimento mútuo; Trabalho em nível de Comissões. Imediatamente a colaboração iniciou colocando em ação dois elementos: a promoção vocacional e a formação da Comissão de História para tradução e distribuição de documentos da SDS a todas as comunidades para estudo. Já em 1977 foi enviado às comunidades das três províncias o primeiro texto: os “Estatutos da S.A.I de 1880”²⁵.

À medida que os estudos sobre o Carisma foram se aprofundando, a colaboração também foi se ampliando. Para além de traduções, estudos, formação, elaboração de materiais salvatorianos e publicações na série da CIP, foram também realizados os cursos sobre Raízes Salvatorianas para todos os membros das províncias, a Mini-Assembleia em 1980, em Itaiaci-SP²⁶, a comemoração do centenário de fundação da SDS em 1981, em Videira-SC, os Retiros Salvatorianos em conjunto e iniciativas apostólicas como o Projeto Jordan e ajuda à Diocese de Brejo/MA, etc.

2.3 Da CIP à ADS e à CIS: o fruto das “saídas” é a Família Salvatoriana

²² Conforme afirmação do Pe. Luiz Spolti, em 18/11/017;

²³ Ata do XI Capítulo Provincial das Irmãs da Província de S. Paulo.

²⁴ CIP 13. Em busca da missão comum. Mini-Assembleia Salvatoriana. Itaiaci: jul./1980. p. 8.

²⁵ CIP 2, 1977 e, posteriormente, reeditado com outras versões de Estatutos: CIP, 1-11, dez./1984.

²⁶ Veja-se os atos desta assembleia em: CIP 13, jul./1980. Em busca da missão comum. Mini-Assembleia Salvatoriana.

Com o Concílio, o sonho perdido nas contingências históricas, mas nunca abandonado no coração do Fundador, encontrou oportunidade de realização plena²⁷. Com as Conferências de Medellín e Puebla a realidade do laicato no Continente se transformou por completo²⁸. Particularmente no Brasil, sem a participação do laicato, especialmente de mulheres leigas, muitas de nossas comunidades cristãs nem sequer existiriam²⁹. Por isso, em setembro de 1977, quando a CIP apresentou a tradução dos Estatutos da S.A.I. de 1880, os provinciais solicitaram que os membros das províncias o estudassem buscando “*captar as perspectivas que as Diretrizes do 3º Grau poderiam oferecer para um trabalho com leigos engajados (associados)*”³⁰. A nível internacional, a Comissão Conjunta de História e Carisma apresentou em 1987, um pequeno opúsculo que reunia as fases e as intenções de Pe. Francisco Jordan com respeito aos Leigos³¹. Começa, então, no Brasil o processo de estudos e de refundação do projeto do Pe. Francisco Jordan com relação aos leigos.

2.4.1 Retornando aos significados dos começos

Como sabemos, o projeto original de Jordan era incluyente e global. No esboço original da obra de Jordan e nas suas sucessivas transformações, os leigos foram uma constante participando em todos os níveis de compromissos. Leigos, homens e mulheres, figuravam no 1º, 2º e 3º Graus da *Sociedade Apostólica Instrutiva*, como também na *Sociedade Católica Instrutiva* e, por fim, no novo arranjo a partir de 1883 quando Jordan transforma sua obra em duas Ordens religiosas feminina e masculina, mas continua organizando o laicato numa grande diversidade de possibilidades de participação e de títulos³².

Conforme algumas publicações antes da fundação oficial da SAI em 08/12/1881³³, esta já existia na prática na Itália e Alemanha, através do engajamento do laicato. Como funcionava? Jordan contatava os párocos ou um leigo, que anotavam os nomes dos interessados num caderno – homens, mulheres, jovens e crianças – e a partir de então eles recebiam as publicações para seu próprio aprofundamento espiritual, para distribuir e vender as mesmas e para fazer apostolados em seus locais. Como certificado as pessoas recebiam uma pequena medalha e uma espécie de crachá. Era um movimento sem burocracias, pois a ideia era a de que cada católico vivesse seu compromisso batismal no cotidiano e assumisse o seu potencial para ser um Apóstolo em seu mundo local.

²⁷ A participação dos leigos na missão da Igreja ficou clara através dos muitos Documentos. Veja-se: a Constituição Pastoral “A Igreja no mundo de hoje” (*Lumen Gentium*); A Constituição Dogmática “A Igreja” (*Lumen Gentium*), especialmente o cap. IV; o Decreto “O apostolado dos leigos” (*Apostolicam Actuositatem*).

²⁸ Entrevista aos Leigos Salvatorianos Sr. Roque e Srª. Noelia Vier, em 20/12/2017.

²⁹ Veja-se a entrevista à César Kusma, teólogo leigo e presidente da SOTER, disponível em: <http://outraspalavras.net/maurolopes/2017/11/26/kuzma-e-o-ano-do-laicato-igreja-continua-de-portas-fechadas/>. Acesso em: 20 dez. de 2017.

³⁰ Carta da Comissão Inter Provincial – CIP (Projeto nº.1), datada de 10 de junho de 1977 a todos os salvatorianos e salvatorianas. Fonte: arquivo histórico da CIP, Província São Paulo.

³¹ Veja-se: CIP 29. Pe. Jordan e os leigos. Uma visão histórica. Trad.: Pe. Arno Boesing, set. 1987.

³² DEGGELMANÍA O SALVATORIANEIDAD. Un estudio para la discusión. L. Munilla, Madrid, 7 de febrero de 2009. Texto ainda não publicado oficialmente.

³³ “PICCOLO MONITORE CATTOLICO”, aparece em dezembro de 1880; “IL MONITORE ROMANO”, de 17 de abril de 1881; “L’AMICO DEI FANCIULLI”, aparece em junho de 1881, como um suplemento do “Monitore Romano”; e, por fim, o “DER MISSIONÄR”, cujo primeiro número aparece em setembro de 1881.

Assim temos nomes de leigos nas listas de secções paroquiais publicadas na Itália no início de 1881, tais como: Dr. Luis Marchese da paróquia de Pieve di Coriano, Diocese de Mantova; o Advogado Vicente Meschini da paróquia de S. João dos Florentinos em Roma; e muitos padres diocesanos. Estas pessoas eram os “diretores”. Eles eram escolhidos por Jordan e recebiam um “diploma” que lhes conferia a jurisdição³⁴. Simón Deggelmann, amigo de Jordan desde a juventude e muito ativo na Igreja da Alemanha em geral, também deveria ter recebido um diploma que foi encontrado nos arquivos. Porém, ele não figura como o primeiro a colaborar com Jordan, como alguns ainda acreditam. Segundo sua biografia, ele teve uma atuação na esfera salvatoriana, mas isso não estava entre as principais coisas que ele fazia, pois tantos eram os seus compromissos com muitas outras instituições. Os chamados “Diretores”, leigos ou párocos aos quais se podia contatar para se filiar, tinham seu Comitê de Coordenação em Roma. No primeiro Grau figuravam vários nomes: Ludovico Auer, alemão, João Batista Dibona, romano, a Baronesa Maria Teresa von Wüllenweber, as senhoritas Tecla Bayer, Ursula Rabis, Babette Mayr, Anna Welter, Bernarda Verot y Amalia Streitl, todas alemãs, e outros. Portanto, a SAI inicia com os leigos e a figura ao centro deste movimento laical é o próprio Jordan e não há outro. Ele, em pessoa, escolhe os “diretores” e não se sabe quem foi o primeiro afiliado.

Dentre todos esses leigos, a leiga Baronesa Teresa von Wüllenweber é a única leiga que aparece do início ao fim da obra de Jordan. Ela foi inscrita no 3º Grau da SAI em maio de 1882. Em setembro do mesmo ano ela foi recebida no 1º grau da SAI. Ela permanece ligada, ativa e fiel ao Carisma de Jordan por toda a vida atravessando todas as transformações de sua obra³⁵. Quando ele, aconselhado pelas autoridades da Igreja, transformou o 1º Grau em duas ordens religiosas, ele a chama para a Itália em 1888 para iniciar a 2ª Ordem da SCI, depois de outras duas tentativas falidas com outras duas leigas: Tecla Bayer e Amália Streitl. A partir desse momento, com o nome de Maria dos Apóstolos, ela se torna a primeira salvatoriana religiosa, líder, formadora, animadora de centenas de Irmãs que irão ingressar na Congregação. Em nenhum momento Maria dos Apóstolos aceitou alguma menção de fundadora das Irmãs.

Depois de fundar as duas Ordens que atuariam “a exemplo dos Apóstolos”, Jordan redefine a 3ª Ordem para aqueles que não podiam ser religiosos, escrevendo uma Regra e criando a *Pia União dos Colaboradores Salvatorianos*, aprovada pela Igreja em 1898. A missão desses colaboradores era a de serem “como Apóstolos no mundo”³⁶, com o dever de “instruir seus filhos e súditos nas verdades da santa religião”³⁷. A edição de “Missionário” em dez. de 1898 noticia a existência de 30.000 “colaboradores” leigos e que, em menos de um ano, a 3ª edição daqueles “diplomas” estava esgotada³⁸. Isso nos dá uma ideia da intensidade deste movimento. Outra iniciativa dos começos foi a Associação de Anjos (*Sodalício Angélico*) para crianças até 14 anos, fundada em Roma

³⁴ CIP 29, set./1987, p. 20.

³⁵ PEKARSKE, D.T. God’s Strength Shining Through our Human Weakness. Contributions, vol. 11, 2016.

³⁶ Veja-se o esquema em CIP 29, set./1987, p. 14. Após a fundação das duas Ordens religiosas, aparece em 1898 a Pia União de Cooperadores Salvatorianos aprovada pela Igreja e em um ano e meio contava com 30.000 admissões. Estas pessoas tinham a vocação de “ser apóstolas”, orando, exercendo apostolados de acordo com necessidades locais, vivendo a fé cristã profundamente, conforme explícito e CIP 29, set/1987, p. 21-22.

³⁷ CIP 9, dez./1984, nº 7, p. 18.

³⁸ CIP 29, set./1987, p. 22.

em 1884 e aprovada em 1886. Esta perdurou por muitas décadas. Em 1900 estavam inscritas 20.000 crianças neste movimento e os relatórios falam dele até 1940. Maria dos Apóstolos se dedicou muito à formação e acompanhamento do *Sodalício Angélico* e da distribuição de publicações da SAI. Os conteúdos das publicações para a formação cristã do movimento das crianças fazia muito sucesso também entre os adultos das famílias³⁹.

2.4.2 A dissipação do laicato na obra de Jordan

Por que estes movimentos do laicato desapareceram com o passar dos anos? Temos algumas respostas que, porém, necessitam mais pesquisas nos arquivos da SDS e também das dioceses europeias onde eles figuravam. Mas, podemos enumerar as seguintes razões:

- 1) A obra que Jordan sonhava era por demais abrangente e complexa para aqueles tempos e para a legislação canônica existente na Igreja.
- 2) Frente às contínuas intervenções das autoridades da Igreja, Pe. Francisco Jordan decidiu dedicar seu tempo e recursos prioritariamente às duas Ordens religiosas, garantindo assim, a continuidade do espírito de seu Carisma.
- 3) À medida que as duas Ordens iam crescendo em número de membros e de apostolados, a demanda de acompanhamento também crescia, de modo que ocupavam o tempo de Jordan em consolidar as mesmas.
- 4) Com o aumento dos membros da SDS e a ampliação dos apostolados nas primeiras décadas de 1900, a SDS começou a organizar as províncias e aqueles “Diretores” locais dos inícios passaram a ser substituídos pelos próprios salvatorianos. Isso limitou o número de engajamentos laicais em outros locais em que não havia salvatorianos.
- 5) A Primeira Guerra Mundial desmobilizou muitos dos projetos apostólicos, uma vez que muitos salvatorianos foram chamados para lutar nas frentes de batalhas e muitas Irmãs foram deslocadas para cuidar de feridos da guerra. Assim o movimento desapareceu, uma vez que um estado de guerra impõe muitos limites e as prioridades passam a ser a da sobrevivência e da segurança.

A refundação do laicato salvatoriano a partir do Concílio Vaticano II torna visível a intuição primeira de Pe. Francisco Jordan, de envolver muitos no compromisso de *conhecer e ajudar a outros a conhecer e seguir o Divino Salvador*, nas pegadas dos Apóstolos. De 1977 até a fundação dos primeiros grupos da ADS, um longo processo de estudos e reflexões foi realizado, envolvendo as três províncias brasileiras: 1º) Estudo das Regras escritas por Pe. Jordan; 2º) Tradução do Diário Espiritual e de outros escritos; 3º) Confronto com os documentos da Igreja sobre o laicato; 4º) Pesquisas de campo; 5º) Elaboração previa dos Estatutos em 1986; e, finalmente, 6º) Fundação dos primeiros grupos: o grupo de Jundiaí-SP, em dezembro de 1986 e os grupos de Videira e Várzea Paulista em 1987⁴⁰. Deste momento em diante os grupos foram se multiplicando até chegar à criação da Associação do Divino Salvador – ADS. Uma vez

³⁹ CIP 29, set./1987, p. 26.

⁴⁰ Os grupos de leigos já existiam nos EUA desde 1972; na Áustria desde 1986 quando realizaram o primeiro encontro da “Grande Família Salvatoriana”. Veja-se: O SALVATORIANO. 36, dez. 1990.

criada a ADS, em 1990 a CIP tornou-se Colaboração Inter Salvatoriana (CIS), pois passamos a ser mais que três províncias.

Não se pode compreender nenhuma das vocações salvatorianas sem a missão que dá razão à nossa existência na Igreja. Desde o início, a ideia de reconstituição do laicato salvatoriano está ligada com a “saída” dos membros para o seio do mundo⁴¹. No decorrer dos anos a ADS tem alargado sua autocompreensão como vocação específica ao interno do Carisma e foi dando forma à sua organização, que agora já tem um rosto internacional: a *Comunidade Internacional do Divino Salvador* (CIDS). Esta busca do equilíbrio entre o Carisma e a necessidade de sua Instituição como mediação para viver a missão é um grande desafio que a CIDS e as associações nacionais ainda encontram. As Atas das últimas Assembleias Nacionais da ADS registram a preocupação com o tema dos apostolados, para além de resolver as questões institucionais internas e da formação dos grupos⁴². Isso se configura como um sinal de “saída” para dar frutos.

III Parte: As “saídas” rumo ao futuro?

Quero finalizar esta reflexão sobre a história apostólica de cada ramo, expressando alguns desafios que esperam nosso discernimento e decisão, a fim de revitalizar o Carisma em nosso presente e rumo ao futuro.

3.1 A fecundidade salvatoriana na “estação da aridez” e na tentação midiática

No momento presente nossas províncias femininas vivem uma situação bem diversa dos anos 70 e 80 do passado século, quando a grande maioria das Irmãs era jovem. Experimentamos o avanço das idades, a diminuição das forças físicas e pouquíssima adesão das mulheres à VR. A idade avançada é algo natural e inerente à vida. Num mundo que descarta a sabedoria dos anciãos e anciãs porque não acompanham as novas tecnologias e já não produzem bens e muito menos consomem no mercado, a profecia nos impele a “viver em missão” e ser contracultural, pela vivência de uma mística profunda. Essa atitude é uma profecia salvatoriana, uma vez que isso corresponde ao que Pe. Francisco Jordan escreveu a Teresa Von Willenweber em 1884: “*Procuremos de fato imbuir-nos do espírito apostólico, sofrer apostolicamente, rezar apostolicamente, agir apostolicamente*”⁴³.

A ausência de mulheres interessadas hoje em aderir à VRC se deve a vários fatores de cunho sociológicos, que renderam às mulheres a conquista de novos espaços de realização pessoal e oportunidades de doação de si. A Igreja, sendo ainda muito clerical e patriarcal, não valoriza nossos cérebros femininos e não nos permite participar de instâncias de discernimentos e decisões. Isto faz com que as mulheres avaliem diligentemente se uma Congregação possui um projeto apostólico mais radical e

⁴¹ Era claro desde o princípio da ideia da reconstituição dos leigos na missão salvatoriana de que o sentido da mesma era apostólico: “...esta comunidade só tem sentido se sair fora de si mesma”. Carta de Pe. R. Wagner, SDS, provincial dos EUA, em Fev./1971: *Salvatorian Associates: The Need for an Experiment*. Trad. D.P. Binotto. In: *Raízes Comuns: Salvatorianos e Salvatorianas*. Navarra: Salvatorianos, 1987. p. 311.

⁴² Veja-se: Atas das Assembleias Nacionais da ADS: em 2005 aparece o compromisso de concretizar um “Projeto Missionário comum da ADS”. Mais explicitamente em 2016, figura como segunda Prioridade: “o trabalho social e de evangelização”.

⁴³ Diálogo por carta. CIS 37/2, ago./1999, p. 17.

inusitado daquele que ela poderia encontrar numa ONG ou num outro movimento no qual dedicar seu empenho em favor de outros. É um desafio para nós, Irmãs, apresentarmos ao mundo feminino destes tempos atuais uma vida e uma proposta apostólica que valha a pena se gastar por ela. Outro fator da falta de vocações é o vazio de opção apostólica pela juventude que se encontra em nossa história.

Paradoxalmente, a realidade clama a nós, mulheres e homens religiosos, que sejamos uma presença de Deus, muito mais do que fazedores de pastorais. Viver o “sentido de Deus” não é menos apostólico e nem menos salvatoriano, uma vez que no ativismo não podemos experimentar e nem oportunizar o “*conhecimento do Salvador*”.

Acompanhando o processo da SDS a nível internacional, vejo que há entre os salvatorianos religiosos um movimento de resgate do espírito de universalidade de Jordan que está se expressando na internacionalidade da formação e na presença apostólica através de comunidades internacionais em realidades e em países muito pobres. Dar um rosto intercultural às nossas comunidades e iniciativas apostólicas deve ser um desafio a ser enfrentado pela Família Salvatoriana rumo ao futuro. Vivemos uma diversidade de vocações e culturas e espera-se de nós o *testemunho de unidade* numa universalidade que, porém, contrasta com a globalização desigual e polarizada dos tempos atuais. “Universalidade” que une o diverso, sem elimina-lo ou dissimula-lo.

Além disso, tenho percebido que os religiosos salvatorianos estão cultivando uma maior consciência sobre sua consagração, anterior ao ministério sacerdotal. O cultivo dessa consciência é um desafio para superar o clericalismo que assola a maioria das congregações com membros do clero. Presenciamos na Igreja do Brasil, sobretudo entre muitos padres jovens, a tendência a um retorno ingênuo e acrítico a certas espiritualidades e formas litúrgicas pré-Conciliares, mas em linha com a tendência midiática e vazia de conteúdo de fé que prolifera na cultura contemporânea. Manter os pés no chão das periferias sociais e existenciais como apela o Papa Francisco, exige de nós, pessoas de Igreja, um constante discernimento, uma consciência crítica e sintonizada com a história presente. É inadmissível um/a salvatoriano/a sem consciência histórica, pois isto estaria se opondo à própria origem de nossa vocação salvatoriana, que nasce como resposta histórica.

3.2 Apóstolos salvatorianos no mundo para mudar o mundo

Neste ano de 2018 a Igreja do Brasil proclamou o Ano do Laicato. Não apenas por isso, mas pelo paradigma conciliar que o Papa Francisco vem retomando em suas palavras e exemplos, o momento eclesial coloca para a ADS o mesmo desafio que o Concílio, Medellín e Puebla puseram para as congregações religiosas nos anos 60 a 80. Naquele momento a grande questão para os religiosos era transformar uma VR disciplinar em uma VR profética e salvatoriana. Para a ADS e todos o laicato o desafio está numa questão que o teólogo leigo César Kusma explicitou sabiamente: “*como é ser leigo/a, sujeito eclesial, numa Igreja [ainda] clericalizada?*” e acrescentou: “*os leigos devem se afastar deste modelo estrutural e buscar novos caminhos, novas maneiras de viver a fé, dentro do chamado que é próprio da sua vocação, que é o mundo secular e as grandes causas da humanidade. Aqui está a vocação e a missão*

dos leigos! Ali devem ser sal e luz. Sujeitos da história. É onde os leigos, como Igreja que são, podem oferecer o seu testemunho e o seu serviço concreto. Observo que as ações de Francisco também vão por aí.”⁴⁴. Vocês estão sendo sujeitos de sua vocação salvatoriana ou ainda estão presos aos espaços tradicionais da paróquia para atuar? Vocês estão conscientes da visão e do legado carismático que Pe. Francisco Jordan vos deixou? Outro grande desafio é como a Família Salvatoriana irá se abrir para outros modelos de movimentos leigos viverem o Carisma? Se Jordan estivesse aqui, certamente a ADS não seria o único modo de ser leigo salvatoriano. Nos começos, os leigos não tinham muitas burocracias. Para ter asas nos pés e ser “apóstolos no mundo”! Há para o laicato em geral um espaço privilegiado no Carisma, portanto, um futuro e uma grande aventura apostólica a ser vivenciada na Igreja e no mundo.

3.3 Família Salvatoriana: colaboração como “ação ou presença em rede”

Em nossa cultura contemporânea, um dos símbolos mais poderosos é a rede. Encontramos um paradoxo entre o significado linguístico e o significado pragmático deste símbolo: de um lado, a rede indica conexão e de outro, embora conectados poderemos nos encontrar divididos. A Família Salvatoriana no Brasil é o fruto da primeira “saída”: aquela da colaboração que iniciou em 1977 e perdura até nossos dias. Ela se institucionalizou na Colaboração Inter Salvatoriana – CIS, mas vai além disso. Nossa colaboração se configurou como uma “vivência salvatoriana” entre irmãs e irmãos, que testemunham a unidade na diferença, a partir do que temos em comum: “conhecer e tornar conhecido o Salvador, por todos os modos e meios que a caridade nos inspirar, nas pegadas dos Apóstolos”. Para os novos tempos, como poderemos ressignificar nossa colaboração? Para onde e para quê, a Família Salvatoriana “sairá”? Ao encontro de quais periferias nós iremos? Quais dramas humanos e da Casa Comum responderemos desde dentro, a exemplo de nosso Fundador? O Papa lembrou no Chile que “os historiadores dizem que, para que um Concílio se enraíze na vida da Igreja e dos cristãos, leva um século. Estamos na metade do caminho (...). E há pessoas que não leram o Concílio. E se o leu, não o entendeu. Cinquenta anos depois!”⁴⁵. Há ainda uma inércia, um marasmo, uma anomia em nossa Igreja. E pior, o Papa tem encontrado muita oposição para renovar a Igreja por parte dos “arqueólogos do sagrado”⁴⁶. Eles querem uma Igreja de teóricos, que não se encarna na vida concreta e contextual das comunidades, dos mais pobres, nem nos dramas existenciais humanos. Nós que somos chamados a “**instruir**”, a formar discípulos, a oportunizar o “conhecimento do Deus verdadeiro”, quanto tempo dedicamos a nos **instruir**? Ou pregando a nós mesmos? Não há salvatoriano e salvatoriana sem a humildade e a abertura para o aprendizado a

⁴⁴ KUSMA, C. Kuzma e o Ano do Laicato: Igreja continua de portas fechadas. Disponível em: <http://outraspalavras.net/maurolopes/2017/11/26/kuzma-e-o-ano-do-laicato-igreja-continua-de-portas-fechadas/>. Acesso em: 20 dez. de 2017.

⁴⁵ «¿DÓNDE ES QUE NUESTRO PUEBLO HA SIDO CREATIVO?» CONVERSACIONES CON JESUITAS DE CHILE Y PERÚ. 2018. Disponível em: <http://blogs.herdereditorial.com/la-civilta-cattolica-iberoamericana/conversaciones-papa-francisco-en-chile-y-peru/>. Acesso em: 26 fev. 2018.

⁴⁶ LA VALLE, R. A virada profética de Francisco: um Deus que surpreende. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573463-a-virada-profetica-de-francisco-um-deus-que-surpreende-artigo-de-raniero-la-valle>. Acesso em: 10 nov. 2017.

fim de dar o melhor de nós mesmos para o Reino. Leiamos as “Alocações” para aprender de Jordan a aprender. Vivemos um momento difícil para a humanidade, sobretudo para os pobres. Há divisões e polarizações em todo o planeta. Nessa realidade, o que significa “*proclamar o Evangelho a toda a criatura*” (Mc 16,15)?

Conclusão

Iniciei contando a parábola do “*O Dom da História. Uma fábula sobre o que é suficiente*”. Depois desta viagem nos significados de nossa história salvatoriana eu quero concluir recordando o final da parábola e cada um pode fazer sua própria conclusão:

“Na quarta geração, ninguém se lembrava de como se acendia a fogueira, ninguém sabia mais que local exatamente da floresta deveriam ficar e, finalmente, não conseguiam se recordar nem da própria oração. Mas uma pessoa ainda se lembrava da história sobre tudo aquilo e relatou com voz alta. E Deus ainda veio”.

Como podemos narrar a sua vinda? As últimas palavras de Jordan no leito de morte foram:

*“O bom Deus fará com que tudo dê certo.
Outros virão e, lembrados de nossos sofrimentos,
continuarão a obra.”⁴⁷*

Nós somos estes que vieram para continuar a obra. Estamos aqui. A obra está em nossas mãos!

*Dulcelene Ceccato, SDS
I Congresso da Família Salvatoriana, 28-30 de abril/2018*

Bibliografia:

ATA. **XI Capítulo Provincial das Irmãs da Província de S. Paulo.** 27-31 dez. 1976. Fonte: Arquivo histórico, Província-SP. S. Bárbara do Oeste/SP.

ATA. **IV Capítulo Provincial de renovação das Irmãs da Província S. Catarina.** 24/05-01/06 jun. 1968. Fonte: Arquivo histórico, Província-SC. Lages/SC.

ATA. **IX Capítulo Provincial da Sociedade do Divino Salvador.** 21-26 out. 1974. Fonte: arquivo histórico da Província Brasileira da SDS. S. Paulo/SP.

ATA. **Assembleia Nacional da Associação do Divino Salvador.** 22 abr. 2005. Fonte: arquivo histórico, Província-SP. S. Bárbara do Oeste/SP.

ATA. **Assembleia Nacional da Associação do Divino Salvador.** 20-21 ago. 2016. Fonte: arquivo histórico da ADS.

⁴⁷ CIS 12, Diário Espiritual. Anexos I: Últimas palavras, p. 652.

- BEOZZO, José Oscar. **O pacto das catacumbas. Por uma Igreja pobre e servidora.** São Paulo: Paulinas, 2015.
- BINGEMER, Maria Clara. **Latin American Theology. Roots and Branches.** Trad.: S.R. Moreira. **Teologia Latino-Americana. Raízes e ramos.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- BRIGHENTI, Agenor. **Do binômio clero-leigos a comunidade-ministérios** (Em que o Vaticano II mudou a Igreja 2). Disponível em: <http://amerindiaenlared.org/contenido/12055/do-binomio-clero-leigos-comunidade-ministerios-em-que-o-vaticano-ii-mudou-a-igreja-2/>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- CARTA. **Comissão Inter Provincial (Projeto nº.1)**, 10 jun. 1977. Fonte: arquivo histórico da CIP, Província São Paulo.
- CARTA. **Convocação ao X Capítulo Geral pelo Pe. Boaventura Schweizer, Superior Geral dos Salvatorianos.** Páscoa de 1964. Fonte: arquivo histórico da Província Brasileira da SDS. S. Paulo/SP.
- CARTA. **Salvatorian Associates: The Need for an Experiment** (fragmentos). Pe. Ramon Wagner, SDS, provincial dos EUA aos membros da província, fev. 1971. Em: *Raízes Comuns: Salvatorianos e Salvatorianas.* Trad.: D.P. Binotto, Navarra: Salvatorianos, 1987, p. 310-315.
- CELAM. **Conclusões de Medellín.** São Paulo: Paulinas, 4ª ed., 1979.
- CELAM. **Conclusões da Conferência de Puebla.** São Paulo: Paulinas, 1979.
- CODINA, Víctor. **A vida religiosa na América Latina, 50 anos depois de Medellín.** *Convergência.* Brasília, vol. 508, Ano III, p. 45-53, jan.-fev. 2018.
- CIP nº 2. **Estatutos de Smirna – 1880; Estatutos da S.A.I. – 1880.** São Paulo, 1977. 2ª ed. CIP, 1-11, dez. 1984, p. 15-35.
- CIP nº 5. **Regras de 1886.** São Paulo, dez. 1984.
- CIP nº 9. **Colaboradores da Sociedade Católica Instrutiva. A terceira ordem da S.A.I (1885).** Trad.: Arno Boesing. São Paulo, fev. 1978, reeditado em dez./1984, p. 201-221.
- CIP nº 13. **Em busca da missão comum. Mini-Assembleia Salvatoriana.** Itaiçi: jul. 1980.
- CIP nº 29. **Pe. Jordan e os leigos. Uma visão histórica.** Trad.: Pe. Arno Boesing. São Paulo, set. 1987.
- CIS nº 49. **Declaração da Família Salvatoriana.** São Paulo, 2008.
- CIS nº 12. **Diário Espiritual. Padre Francisco Maria da Cruz Jordan.** São Paulo, 2016.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM.** Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 37-113.
- CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES.** Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 140-256.
- DECRETO APOSTOLICAM ACTUOSITATEM.** Compêndio do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 527-564.

ESTÉS, Clarissa Pínkola. **O dom da história. Uma fábula sobre o que é suficiente.** Trad. W. Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ENTREVISTAS. Ir. Admir Citó, Ir. Isabel Tooda, Ir. Magda Fonseca: Província-SP; Ir. Ema Melânia Zago, Ir. Verônica Cendron: Província-SC; Pe. Luiz Spolti, Província Brasileira SDS; Sr. Roque e Sr^a Noelia Vier: Associação Divino Salvador. Nov.-dez. 2017.

FRANCISCO, Papa. **Audiência de 10/08/2016.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CgsBJbiIpOI>. Acesso em: 15 fev. 2018.

———. «¿Dónde es que nuestro pueblo ha sido creativo?». **Conversaciones con Jesuitas de Chile y Perú.** 2018. Disponível em: <http://blogs.herdereditorial.com/la-civiltta-cattolica-iberoamericana/conversaciones-papa-francisco-en-chile-y-peru/>. Acesso em: 26 fev. 2018.

JOÃO XXIII, Papa. **Radiomensaje de su Santidad Juan XXIII.** Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_jxxiii_mes_19620911_ecumenical-council.html. Acesso em 12 fev. 2018.

LIBÂNIO, João Batista. **As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais. Sua incidência sobre a vida religiosa.** Petrópolis: Vozes, 1980.

KUSMA, César. **Kuzma e o Ano do Laicato: Igreja continua de portas fechadas.** Disponível em: <http://outraspalavras.net/maurolopes/2017/11/26/kuzma-e-o-ano-do-laicato-igreja-continua-de-portas-fechadas/>. Acesso em: 20 dez. de 2017.

GAUTHIER, Paul. **Consolez mon peuple. Le Concile et l’Eglise des pauvres.** Paris: Cerf, 1965. Trad. Port. **O Concílio e a Igreja dos pobres: «consolai meu povo».** Petrópolis: Vozes, 1967.

LA VALLE, Raniero. **A virada profética de Francisco: um Deus que surpreende.** 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573463-a-virada-profetica-de-francisco-um-deus-que-surpreende-artigo-de-raniero-la-valle>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MUNILLA, Luis. **Deggelmanía o Salvatorianeidad. Un estudio para la discusión.** Madrid: mimeografiado, 7 de febrero de 2009.

O SALVATORIANO. Boletim da Província Brasileira da SDS, Nº 36, dez. 1990.

PAULO VI, Papa. **Populorum Progressio. Carta Encíclica sobre o Desenvolvimento dos povos.** São Paulo: Paulinas, 2007.

PEKARSKE, Daniel Thomas. **God’s Strength Shining Through our Human Weakness.** Contributions, vol. 11, USA, 2017.